



VIDA ARTISTICA

SEMANARIO DE ARTES E LETRAS

Proprietario—JAYME CORRÊA
 Director—J. PEDROSO AMADO
 Chefe de redacção—EDUARDO FERNANDES
 Editor—ERNESTO ZENOGLIO

À constancia se deve toda a gloria.
 LUIZ DE CAMÕES.

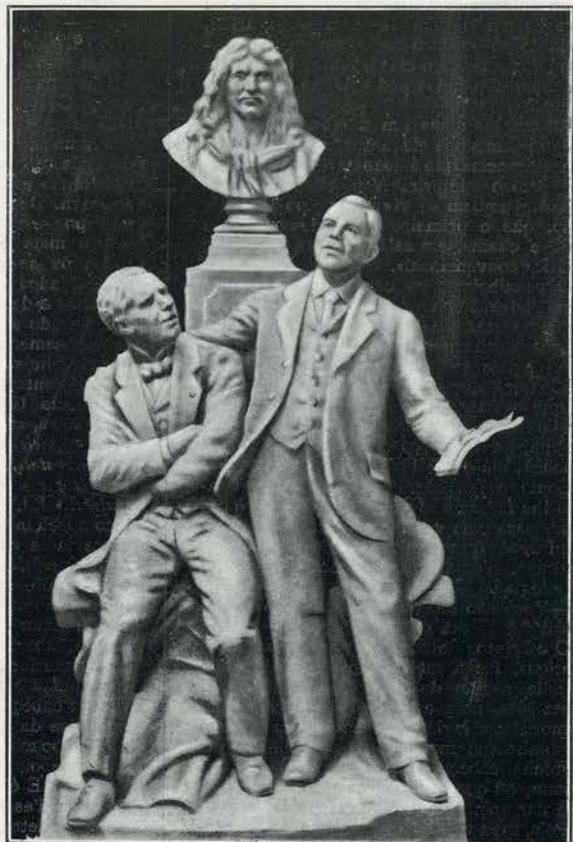
ASSIGNATURA

PORTUGAL E ILHAS	
3 mezes	Rs. \$300
6 "	" \$600
12 "	" \$1200
ESTRANGEIRO	
3 mezes	Rs. \$900
6 "	" \$1800
12 "	" \$3600

PREÇO AVULSO
30 RÉIS

—+—
 Toda a correspondencia deve ser dirigida
 para a RUA DO MUNDO, 81, 2.º

LISBOA
 Composição e impressão
 Offic. Illustração Portuguesa
 Rua do Seculo, 43



Monumento aos irmãos Coquelin, em Bologne-sur-mer—França

OFFIC. ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA

VARIAÇÕES

SOBRE UM

VELHO THEMA

(VILLEGIATURA)

Quem mais tem que fazer n'esta quadra do anno é o chronista elegante dos jornaes. Conheço-o. E', por via de regra, um homem bem vestido, parecendo bem educado, de charuto na bocca, sem idéas e com muito talento... de sala.

Sabe dizer ás damas coisas que um homem de genio nunca seria capaz de inventar, isto é, a banalidade opportuna, — sorriso a tempo, o salamaleque, uma vez por outra o dito equivoco de que ellas são tão friandes.

Pois elle agora é que é o verdadeiro senhor da situação, — muito sollicitado por gente que parte e por gente que finge partir, para que o *High-life* ou o *Carnet-mondain* não deixe de trazer, em letra redonda, a banalissima noticia que dá tom, que dá chic, que é uma especie de passaporte para a nobreza ou para a illusão momentanea de se sentir a dama ou o cavalheiro implantado definitivamente no meio ficticio de uma abastança ficticia.

Encontra-se um Fulano na rua:

—Então este anno? Para onde se parte?...

E o outro, com um terrivel bocejo:

—Ainda não sei... As nossas praias estão tão aborrecidas!... Talvez me vá até San Sebastian ou Biarritz...

Não vae para San Sebastian, nem para Biarritz, nem para a Figueira, nem para Cascaes. Quando não fica mettido em casa, em ceroulas e mangas de camisa, a lêr um romance ou a abrir a bocca, cheio de tedio, vae para Algés ou para a Porcalhota, por lá se deixa ficar a fazer cruzeiras na areia ou a regar um pedaço de terra secco, arido, cheio de pó—e duro como um chavelho,— onde não brota o riso e a alegria de uma flôr nem um miserando pé de couve... gallega.

Ai, amigos meus e meu imbecil chronista dos mundanismos elegantes, a vida de hoje tem exigencias que é necessario, que é mesmo forçoso cumprir. *Nem só de pão vive o homem*. Tambem se vive d'este pó dourado, falso, que o primeiro sopro desvanece, e que se chama, em calão philosophico,—«a mentira convencional».

O cavalheiro tem uma saude de ferro, come, bebe, fuma, dorme esplendidamente. Não importa. Vae para as aguas a tratar dos seus achaques.

As aguas se não podem ser de Vichy, de Cauterets ou de Contrexeville ou do diabo que os carregue... serão do Alviella, se o Martinho Guimarães der licença. E essa mesma, ha de ser com parcimonia, porque é pouca, má e cara!

Conta o Jean Bernard que de uma occasião lhe fallaram muito n'uma região qualquer, para uma villegiatura. Era um sitio admiravel, tranquillo, com florestas de pinheiros, n'uma situação verdadeiramente privilegiada.

—Você não imagina! E' um canto do Paraíso!

O escriptor deixou-se engrolar por estas cantigas, fez a mala e foi de abalada até áquella região do sonho e do silencio. E conta elle, com a sua ponta de graça mal humorada: «Havia, realmente, uma floresta de pinheiros; mas eram tão pequenos que a minha cabeça andava por cima d'elles. Assim, eu que ia procurar a sombra, tinha que dar sombra aos pinheirinhos!»

Pois, meu vasio e alegre chronista elegante, tu que passas a vida a besbilhotar sôrnamente durante o inverno, por essas salas

despidas de alegria e de espirito, és agora o rei, o imperador, o porta-voz da mentira convencional.

Gosa, enquanto é tempo, esse ouropele de panninho e lantejoulas—e faz a tua figura, *comme il faut*...

JOSÉ SARMENTO.

Beethoven

(Continuação do numero antecedente)

Algumas mulheres devem a memoria do seu nome ao facto simples de terem passado ao de leve pela vida d'este homem. Julietta Guicciardi, que passou durante bons cincoenta annos por ser a sua companheira secreta, a musa fresca e inspiradora, foi desthonada d'esta summidade pela investigação da critica contemporanea. Irreverentemente, n'uma ancía de tudo desvendar, se foram pôr á luz particularidades intimas d'esta creatura pouco sympathica, mas de tal fórma aureolada pelo prestigio de Beethoven, que ainda hoje é fulcro de uma infinidade de motivos sentimentaes — seria melhor *emmocionaes* — que os poetasinhos perpetram com arrojo e descaro. (*Deus me perdoe*). Julietta, creatura séria, leviana no sentido ingenuo do termo, morena formosura, uma das mais lindas mulheres da *entourage* do principe Sichnowski — onde o artista a conheceu — não comprehendeu nunca que especie de creatura era aquella... Para ella, Beethoven foi por muito tempo o artista interessante, bem dotado talvez, um discipulo brilhante de Haydn ou de Van der Eden; nunca suppôz que elle fôsse alguma coisa mais do que isto. E entretanto amou-o. Seria provavel que não tivesse casado, se Beethoven não fôra o primeiro a pô-la de parte — no fim de tres annos...

No fim de tres annos! Quando se conheceram mais intimamente, Beethoven não era já uma creança; iam longe os tonta e cinco. Começava já a ser velho, começava já a ser surdo. Aquelle amor dos vinte e cinco annos, de que falla o Poeta, composto de dois terços de illusões e um de esperanças, não era propriamente o amor que o animava. Depois, o sentimento de Beethoven por esta creatura (como por outras) era o mais extranho, o mais singular de todos os sentimentos, mistura excentrica de cuidados e de preces, d'observações exóticas e de juramentos. Entre um pedido murmurado a meia voz, acham logar coisas espantosamente extranhas. Em certa correspondencia exhumada ultimamente em Vienna, entre muitas cartas de Beethoven a Julietta Guicciardi lê-se litteralmente: «*Meu astro, minha vida, espero-te hoje e morro de impaciencia de te esperar... O hospedeiro é um brutal... pago tres florins... Por muito grande que seja o teu amor, ah! como o meu é maior...*» E n'outro sitio, no mau francez, no incomprehensivel francez que Beethoven escrevia ás vezes: «*Je suis seul, j'ai mal à la tête, je t'aime et je vais me coucher...*» E' esta a fallha do Deus. Para o sentirmos homem como nós temos de ir vê-lo na miseria do amor em que elle é homem francamente, abertamente. Como se pôde admitir a superior e perfeita paixão n'uma creatura que a esmo falla de amor e de dôres de cabeça, e que se vae deitar, queixando-se da rapacidade do hospedeiro?

Tão pouco poderosa ella era, que tres annos depois, o destino que os juntára, os desligou. E é então que a profunda nobreza da alma d'esse homem se manifesta. A pobre Julietta, a pobre creatura, vae pouco a pouco cahindo na miseria. E Beethoven, — que o marido odiava, — trabalha

noite e dia, para lhe mandar de quando em quando uns centos de florins, a ella que já não via e que já não amava. Vastissimo coração, que a triste mulher, entre lagrimas, vinha adorar, já de cabelos brancos, já de illusões mortas. Foi talvez isto, que aureolou Julietta Guicciardi.

Com Thereza de Brunswick foi peor. Beethoven não escrevia, Beethoven fugia, ia rachar lenha para a floresta de Strap, fatigar a musculatura herculea. Isto lembra vagamente o cilicio, a cella do frade que se azorruga, castigando-se; e, todavia, elle não era casto, não fizera voto de castidade. Amorilho de juventude, esse, com a meiga Thereza de longos cabelos de louro cendrado, de largos olhos azues onde, segundo a expressão de Karr, se reflectia o azul dos ceus... A dulcissima Thereza gemeu, suspirou e passou silenciosamente breve pela vida d'esse homem, deixando apenas um perfume ligeiro. Talvez a outra tivesse exercido maior influencia.

Sempre correcto, sempre d'uma elegancia, por vezes forçada, Beethoven vive largo tempo na sociedade aristocratica de Vienna, no convívio de principes, na amizade do Eleitor de Brandburgo, sem que no seu coração floresça um amor forte e grande. Nos ultimos dez annos de existencia Beethoven é verdadeiramente o luctador immenso, vivendo exclusivamente para a sua arte, revoltado, injusto por vezes, exgotado pela miseria, perpetuamente só, com a barreira intransponivel da surdez, que o isolava do mundo. E' então que a sua amargura se crystallisa na mais extraordinaria harmonia, é então que se começa a dizer que elle falla a lingua de Deus, e a pouco e pouco se levanta das gentes rudes aquelle respeito enternecido, seguindo-o quando elle sae, curvando-se na estrada quando elle passa, olhando para elle a mêdo, tocando-lhe na mão com respeito quando elle a estende. E a sua dôr é então a dôr da humanidade. O mal que o afflige é o mal que lavra nas multidões. Todo elle é alma, todo elle é coração, e á noite na sua casinha nua, quasi nua, soluça livremente no Erard e ha gente escondida no pó da estrada que ajoelha para o ouvir, como n'um templo, e deixa escorregar o pranto pela face extasiada. E jámais, jámais esquecerá esse grande vulto que resume em si toda a amargura humana, sem um florim na algebeira, e para quem o imperador d'Austria tira primeiro o seu chapéu e todo se debruça na carruagem para lhe acenar um longo adeus...

(Conclue no proximo numero)

MARIO D'ALMEIDA.

Offerta artistica

O distincto caricaturista Leal da Camara offereceu ao Museu da Revolução o bello e suggestivo quadro cuja gravura publicamos.

Dizer do valor da offerta equivale a apregoar a fama de Leal da Camara, o exímio e original artista, cuja reputação se fez em paizes onde o culto do bello tem um templo maravilhoso, assente em alicerces de construcção provavelmente solida, vigorosa.

Felicitemos o Museu da Revolução pela posse do referido quadro, obra de inestimavel valor d'um artista que honra o nosso paiz e a Arte.

"FÓRA DE SCENA"

Appareceu esta semana á venda o novo livro da illustre actriz Lucinda do Carmo, *Fóra de scena*.

Tem tido immensa procura, o que se justifica pela curiosa anciedade com que era esperado, attenta a reputação que Lucinda do Carmo gosa como escriptora e poetisa.

Correspondentes

Precisam-se e aceitam-se para esta revista nas differentes terras do paiz.



**A circular do sr. ministro da guerra
—A criação de orpheons nos quartéis,
uma idéa digna de applauso—
Os nossos poetas e compositores—
O orpheon atravez da historia.**

Ao lermos a circular, distribuida pelo sr. ministro da guerra, com respeito á disciplina militar, encontrámos o § 2.º, que nos deixou a mais agradável impressão, pois vemos que já temos um governo que pensa em coisas que até aqui eram olhadas como factos banaes e sem nenhuma importancia. O § 2.º diz assim:

«Que pela acção benéfica que exerce no mar das tropas, haja em todos os regimentos orpheons que dentro dos quartéis, em occasião de grandes solemnidades e nas marchas para o inimigo entoem hymnos e cantos patrióticos.»

Ora isto é uma medida de grande alcance artistico e que virá a exercer uma grande influencia moral sobre o soldado.

Nos grandes paizes do mundo, os cantos coraes, tanto na escola como no exercito, tem-se desenvolvido muito e os governos tem olhado para este assumpto com o maior interesse. Vemos na Allemanha, França, Suíssa, Rússia e ha pouco tempo na Inglaterra e na Italia, como nas republicas do norte da America, os cantos patrióticos serem entoados nas escolas e no exercito, com um amor deveras suggestivo!

Ainda na ultima guerra do Japão, os soldados d'esta nação entoavam, durante os combates, os cantos patrióticos do seu paiz, com um fervor patrio digno de nota!

Para os nossos soldados, que principiam agora a possuir uma nova orientação educativa, compete aos nossos poetas descreverem, baseados em assumptos grandiosos da nossa historia, factos que estimulem o amor, a dedicação á sua Patria, á terra que os viu nascer e onde brotaram as primeiras lagrimas!

Mais compete aos nossos compositores escreverem a musica; e agora tem os *nozos*, principalmente, occasião para darem largas á sua imaginação, e não se preverterem n'essa musica, sem o minimo valor, das *revistas do anno*, praga que não ha meio de acabar!

Nós, como portuguezes, não poderiamos deixar de applaudir, com o maximo enthusiasmo, esta medida do sr. ministro da guerra, que vem desvendar novos horisontes ao soldado portuguez, e mostrar-lhe a Patria sob uma aureola de grande brilhantismo!

Como disse, os orpheons, hoje, tem um logar preponderante na educação infantil e popular.

Na Allemanha, a minima cidade possui dois ou tres sociedades coraes, não faltando nunca uma, composta de operarios, onde nas horas de repouso, se dedicam com infinito amor á cultura do canto. E', principalmente, na Alsacia, onde poderemos notar intensidade de cultura coral!

Na Suíssa, a mais insignificante terra tem o seu orpheon operario, entrando ás vezes n'este as crianças e as proprias mulheres! Em França, no anno de 1867, já este paiz tinha 3:147 sociedades de canto! E 1:298 orpheons!!

No principio d'esta estatística, o auctor diz: «Sob o aspecto moralizador, a instituição orpheonica, tem rendido grandes serviços, dá ás grandes massas docilidade nas almas, e regularidade nas almas, levanta os sentimentos, consolida os laços de confraternidade, faz fugir os operarios das tabernas; é um fim caritativo!»

A reunião de cantores, se lermos as paginas da historia, vai até á mais afastada antiguidade. O homem sempre teve a disposição de celebrar, por meio de cantos, os seus louvores á Divindade, á paz, á Patria, á familia e aos combates victoriosos.

Essas reuniões coraes eram compostas exclusivamente de homens.

O povo egypcio possuia canticos populares e de tradição para usos diversos; nas festas rusticas vemos cantos de louvor á agricultura.

Os hebreus, formavam sociedades coraes muito numerosas, com chefes especiaes, e n'estas eram cantados cantos do rei David. Estes bonitos cantares eram em numero de 5:000; as poesias, tomaram mais tarde o nome de *Psalmos*.

Na Grecia, os primeiros grupos coraes foram os *Homerides*, onde eram cantadas as poesias do grande Homero.

O canto coral foi empregado na celebração dos mysterios das divindades pagãs, tanto nos usos phrygios, como nos de Baccho. Os discipulos de Pythagoras reuniam-se todos os dias, para cantarem em côro, afim de afastarem as más influencias da Terra, como diz Gevaert.

Em Athenas, diz-nos a historia, o povo cantava em côro pelas ruas.

Roma, desde a sua fundação, tem côros de homens. Taes foram os cantos dos irmãos *Arvales*, confraria de doze cantores, que percorriam os campos.

Nos Bretões, Germanos, Scandinavos e Gaulezes, vemos côros de homens cantando cantos de *alegria* e de *guerra*.

Os christãos tiveram côros de homens e de mulheres, todos applicados ao culto divino.

Na Allemanha, a sociedade dos *Mestres cantores*, que o espirito do grande Wagner tão bem criticou em musica, rivalizou com os *landisti* em Italia.

Os *landisti* de Florença são do começo do seculo XIV; eram compostos de amadores piedosos, vestidos de branco, percorrendo as ruas cantando hymnos em honra de Deus, da Virgem e dos santos. Depois formaram-se sociedades coraes de cantos profanos, organisados de estudantes turbulentos, *cabulas*, que percorriam as ruas com cantos satyricos e indecentes! Também se formaram os *Gagliardi*, histrões e cantores, que celebravam as delicias da vida material, especie de parodia aos *Psalmos*!

Porém, a Allemanha, ficará sempre como o paiz onde os cantos coraes tiveram o maior desenvolvimento. Afóra os *Mestres cantores*, que nunca cantaram nas ruas nem nas tabernas, para que os seus cantos não se aviltassem, veremos que, desde longa data, os estudantes cantavam sempre em côro, e, com a chegada de Luthero, vemos que este reformador deu um grande desenvolvimento ás sociedades coraes. No ducado de Saxe-Weimar, vemos a sociedade *Eisnach* e estes *orpheonistas* percorriam as ruas e as grandes festas entoando o *Figural Gesaenge*.

Os *Liedertafeln*, sociedades coraes de festins (1808), alcançaram grande nomeada; em Berlim, devem-se a Zelter. Hoje, o ensino coral obrigatorio, que existe nos principaes paizes, tem obtido os melhores resultados, já como elemento educativo e patriótico, já mesmo sob o ponto de vista hygienico, pois obriga as crianças a saberem respirar.

ALFREDO PINTO.
(Sacavem).

Uma opera portugueza na Allemanha

O distincto pianista e compositor sr. Hernani Torres, que vive actualmente em Leipzig escreveu ao nosso collega de redacção Alfredo Pinto (Sacavem), pedindo-lhe um libretto para uma opera em um acto.

O libretto vai ser enviado brevemente para a Allemanha, para ser traduzido, e o assumpto é essencialmente portuguez, pois funda-se em uma das nossas lendas mais suggestivas e poeticas.

A opera deverá ser cantada para o anno, em um dos principaes theatros da Allemanha.

No proximo numero publicaremos um curioso estudo sobre Alberto Durer, traduzido do allemão.

SONETO

*Jóias d'alma, formosos sentimentos
Com que meu tenro peito se adornava,
Vós, que, quando a existencia me agradava,
Aspergeis de fé vãos pensamentos,*

*Onde andaes que, aos afflictos chamamentos
Que vos faço, não vindes, como esperava?
Agora que de vós necessitava
Para apaziguardes meus tormentos?*

*Mortos, acaso, estaes p'la negra Dôr?...
Oh! pretendo sabel-o e se assim fôr
Gozar a eterna paz quero também...*

*—Sem vós, soffrer a Vida é-me impossivel
Porque sois minha força incorruptivel,
Meu prazer, meu amor, meu maior bem!...*

JAYME CUNHA.



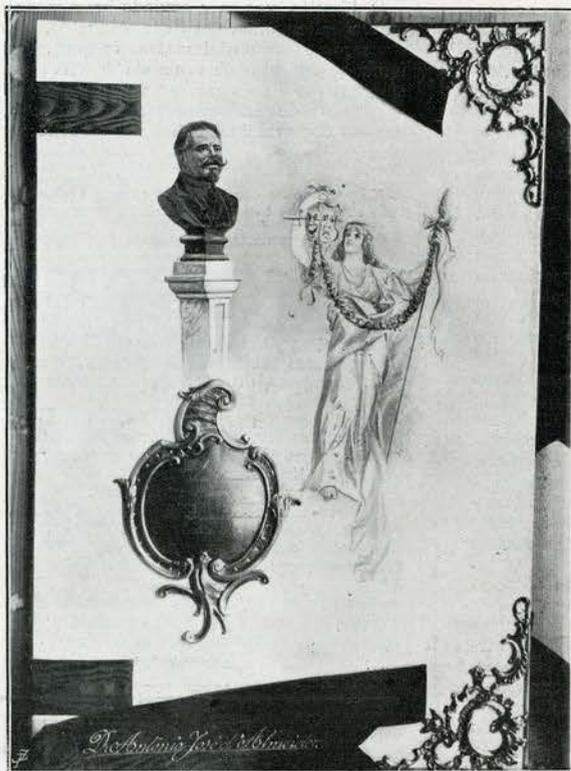
Saibam quantos...

Bohemios

—Entrei para lá com 40:000 réis mensaes e as botas rotas, como elles, que foram meus camaradas de mansarda, soffreram commigo as mesmas faltas de jantar. Quando em mim perceberam certa superioridade de criterio, certa avidez por assumptos em que o programma da tenda aconselhava não bulir, ahí começam a pôr-me de parte, a dispensar o meu nome dos artigos, e por fim cortam-me os viveres, a pretexto do jornal atravessar crises, e ser necessario fazer economias. Percebendo a marôsa, entrei a baixar a luz, a fazer-me opaco e dessorado, á sua laia... e não foi difficil, porque pelo equilibrio dos cerebros em vasos communicantes, pondo-se um homem intelligente entre dois burros, ao fim d'um anno estão igualmente burros todos tres. Então, já mais contentes commigo suppondo que eu estaria idiotisado, á sua imagem, de novo os estipendios mensaes foram subindo. E estou já em trinta mil réis! De sorte que só volto a apanhar os quarenta quando provar que me imbecilisei sem remissão.

Ignoro se teria razão completa nos queixumes, mas este foi por certo uma das mais tristes cigarras que na imprensa diaria cantaram por conta de formigas, finando-se sem os contos de réis que a mediocridade sabe colher á sombra dos grandes principios, em nome d'uma benemerencia que ainda na morte lhe tolera bronzes de favor.

N'esse tempo João de Deus ainda não tinha casado, vivia n'uma casa de hospedes da rua dos Douradores, onde muitas das suas composições foram poetadas. O seu quarto era um inferno de livros e papeis, que havia aos montes sobre a mesa de trabalho, as cadeiras de palha, o tapete da



Capa, em pergaminho e prata, da mensagem ao sr. Ministro do Interior

cama, e até dentro dos canos das botas, onde poeiras historicas cahiam, e de quando em quando algum coelho domestico mettia o focinho, surdindo d'entre a barafunda, com um *clac!* de patas sobre os rolos—como quem diz que lá vae móte. Nas paredes velhas, d'estuque, desenhos a carvão, de Christos e de Deusas, alternavam com rões de roupa e *recuerdos* d'encontros e d'artigos a escrever para algum semanario dos que parasitavam a collaboração do inefavel bacharel.

Muito recolhido de dia, e de methodicos habitos, serenos, João de Deus só depois de jantar, já com lampeões de gaz, sahia á rua, para a iniciação da cavaqueira e das passeatas nocturnas, propicias á germinação suggestional da phantasia.

Porque a noite, com seu mysterio turbante, suas vozes erraticas, suas mótes de linhas imprecisas, suas lagõas de tinta sulphurosa, suas tragedias de nervos e d'estrelas, seus sabbats aberrantes d'idéas e de bóchos, é a grande caverna da alchimia poetica onde os Faustos escarvam, sob o satanismo do genio, os phantomaticos poemas de *mors-amor!*

A luz do dia, a rigorosa percepção das formas nitidas, a geometria justa das imagens mentaes que ellas despertam, a banalidade analytica, tangível, da vida physica desdobrando-se em accões e reacções, o relaxe da consciencia que cerra os olhos desabusada d'enfocar crimes impunes, a ausencia do medo que dualisa o fundo inconsciente provocando o dialogo philosophico dos dois eus—o submisso e o rebelde, o contemplativo e o progressivo: tudo isto deixa o homem sem sombra, banalisado sob a duche de sol onde se não exteriorisa o cogitar.

E' a noite que desamarra dos submatinos do cerebro ou hypogriphos da anormalidade epileptoide (ou simplesmente poetica, ou viciosamente impulsiva, ou degeneradamente criminal), a anormalidade diabolica, espiral, creadora de larvas e visões.

A noite que prepara, a noite que sugere, a noite que realisa e dá corpo a todas as fórmulas de exagero, a todas as impulsivida-

des da luxuria, a todas as estranhezas phantasticas da illusão.

Ella que calcula, ella que pensa, ella que estuda, ella que desdobra a personalidade para além dos limites do real humano, do digésto logico e consciente, e telepathisa os mundos, abrindo sobre os infinitos da vida essa grande porta de baptisterio tremendo onde todas as religiões escreveram para o homem ler—*não passará!*

Vêde a agitação de Lisboa ao crepusculo, quando já o gaz flamba do alto, nos seus dedos de luva incandescentes, e apparecem nos retalhos do ceu nevoas pregadas pelo oiro fugaz das estrellas enygmaticas.

Por mais encortçado que estejaes no vosso egoismo, por muito alheio que sigaes aos rechassos do prea e baixamar das multidões, impossivel não attentar no como, sob a noite, o marulho das ruas cambia d'andante e de sentido, tomando pelas expressões dramaticas ou burlescas, bem diferentes das do seu fascias diurno, o que seja d'uma significação confusa de cathastrophe, e d'uma tabetica e espiral monomania.

Se de mais cerca vierdes ao exame clinico dos rostos, á bruxaria, cáva dos olhos, á ogiva terebrante dos gestos e dos guinchos, se attentardes na especie de delirio que esfusia na rua, apenas escurece, a marcha d'essas mulheres e d'esses homens, em todos heis de vêr, té nos que parecem serenos, uma especie de loucura perseguida, de phrenesi macabro, d'ancia pervaricante, d'insoffrida luxuria, azinina, felina, que logo confirmareis seguindo algum que se vos affigure dos menos agitados. Fitae um momento nos olhos qualquer d'esses anonyms que pelo asphalto vão, em filas entrecruzadas, contrarias, dando aos braços: isto sem carregardes o olhar de pensamento, nem terdes o ar interrogante, e adivinhante, de quem stygmatisa, na consciencias da multidão, fraudes secretas. E então vereis, se as vossas pupilas um momento causticam alguma d'essas mascaras inquietas, homem



Piças em bronze prateado com os bustos dos irmãos Coquelin

ou mulher receber subitamente um choque brusco, hesitar, aturdido, fazer um movimento breve de defesa, a que immediatamente segue outro, mais lento, de disfarce, quando a creatura cae em si, de se haver trahido sem querer. Então, se o vosso silencioso inquerito prosegue, vereis estabelecer-se entre os vossos olhos e os do vosso interlocutor um mudo dialogo de recriminações e de desculpas: vós que intimes e quereis saber por força, o outro que se nega e monosylaba e hesita, recuando cada vez mais para a crypta de ser o mysterio da sua inviolabilidade moral, ameaçada.

E' um phenomeno de fascinação semelhante, na mechanica intensiva, a esse do sapo que, vendo a doninha, escancára a bocca e fica á espera do animal lhe vir a cahir na guela, a pouco trecho, e magistralmente descripto em mais intenso, claro, no *Crime e Castigo* de Dostoiewsk, n'aquelle juiz que por uma successão de calculos psychicos reconhece em Raskolnicoff o assassino da velha dos penhores, e vae não o prende, certo d'elle se lhe vir entregar no momento preciso, maduro, em que para o estudante a crise da consciencia haja acordado.

FIALHO D'ALMEIDA.

O monumento aos irmãos Coquelin

No dia 22 de julho inaugurou-se com grande aparato, em Boulogne-sur-Mer, o monumento aos irmãos Coquelin, ambos distinctissimos artistas dramaticos da França, e cujos nomes ecoaram em todo o mundo culto, já pelo seu altissimo valor artistico, já pela famosa obra de benemerencia que legaram.

Assim, a França, e principalmente Boulogne-sur-Mer, terra natal dos dois actores, não fez mais do que pagar a enorme divida da sua admiração, perpetuando no bronze a memoria d'aquelles seus filhos.

O monumento, obra do escultor Auguste Maillard, figurou no Salão este anno e mereceu as honras do jury e da critica, tal como ella se faz em França.

Representa os dois irmãos, os dois amigos, no momento em que Constant, apoiado a Cadet, profere uma *tirada*. Este escuta o irmão com uma expressão de prazer satisfeito.

Ao alto, o busto de Molière, symbolisando a inspiração commum nos dois artistas, domina o quadro.

Como lembrança da inauguração, o escultor Maillard fez gravar, em bronze prateado, um perfil dos dois irmãos, de que tirou 200 exemplares em placas com 68 millimetros.

Ao acto assistiram milhares de pessoas, entre ellas o que ha de mais distincto nas artes, nas sciencias e nas letras.

Esperanto

Dentro em pouco contamos publicar uma serie de artigos sobre o idioma universal «Esperanto», devido á obsequiosidade de um amigo da nossa revista.

Enfermo

Está ha dias detido em casa, em virtude de uma enfermidade que lhe atacou os olhos, o nosso director e bom amigo J. Pedroso Amado.

Fazemos sinceros votos pelo seu rapido e completo restabelecimento.

Duas mensagens

Por relevantes serviços prestados pelo illustre ministro do Interior e pelo sr. Director Geral de Instrução á causa da arte dramatica, deliberou a Associação dos Artistas Dramaticos offerecer áquelles dois funcionarios da Republica duas mensagens de congratulação e agradecimento, as quaes reproduzimos em gravura.

As mensagens, quer a parte artistica quer a litteraria, são em pergaminho, tendo as capas, a ornamental-as, cantos e escudos de prata cinzelada, estylo renascença e Luiz XV, obra da ourivesaria do nosso amigo Lima, na rua do Mundo.

Ao centro, a que se destina ao sr. ministro, tem uma delicada aguarella, representando o busto, em bronze, do sr. dr. Antonio José d'Almeida, ao qual a Arte offerece um festão de flôres; a outra, a que se destina ao sr. dr. Angelo da Fonseca, o retrato d'este cavalheiro, tambem em aguarella.

De dentro d'aquella, pende uma fita de *moirée* vermelha, com o nome do sr. ministro, em prata.

Fitas em *moirée*, com as côres nacionaes, cingem as pastas, por meio de ranhuras abertas no pergaminho.

A parte manuscrita foi feita por um laureado alumno da Escola Academica, o sr. João Guilherme Cunha, o qual pôz ao serviço desinteressado e gentil d'este trabalho, um gosto pouco vulgar e uma paciencia digna dos mais rasgados encomios, sendo as aguarellas devidas ao habil desenhador sr. Silva e Sousa.

As duas mensagens, no seu todo, constituem um mimo artistico de subido valor e significação da parte da Associação dos Artistas Dramaticos, e revellam quanto cuidado houve em sahir da vulgaridade, para manifestar apreço e consideração, pelo acto e pelas pessoas que originaram a encantadora e valiosa offerta.

Estamos convencidos que, tanto o sr. dr. Antonio José d'Almeida como o sr. dr. Angelo da Fonseca, devem sentir-se orgulhosos e satisfeitos ao receberem a gentileza dos artistas, não tanto pela parte elogiosa que as mensagens encerram, mas pela delicadeza e finura que presidiu á sua confecção artistica.

As mensagens estiveram em exposição na livraria Cernadas & C.^a, onde fôram muito admiradas, e serão entregues aos destinatarios por uma commissão de artistas, composta pela Mesa d'Assembléa Geral, Direcção da associação e alguns socios.

"BANDARILHAS DE FOGO"

Mais uma vez os nossos agradecimentos muito cordeaes a este distincto collega pelas suas elogiosas referencias em o seu n.º 164.

O nosso chefe de redacção, Eduardo Fernandes, igualmente se sente muito penhorado pelas palavras de louvor que aquelle collega lhe dirige, a proposito do caso Antonio Pedro.



Chronicas provincianas

Evora, 27 de julho de 1911.

Meu amigo:—Teem sido tantos os affazeres, que me não tem dado logar a recomencar estas chronicas, ha bastante tempo interrompidas pelas circunstancias acima expostas. E, porque ellas foram iniciadas no norte, encontrando-me presentemente no sul, e dando-se factos que, certamente, prenderão a attenção dos leitores da *Vida Artistica*, que teem o culto da arte e a sensação dos acontecimentos palpitantes, vou relatar-lhes o que acaba de dar-se com a actriz Angela Pinto, na sua viagem em automovel, de Setubal para Evora.

Como o meu amigo sabe, a *lournée* Angela Pinto, depois de uma digressão pelas provincias do norte, e que teve algumas vezes a honra de referir no seu bello jornal, e que foi brilhante em applausos e resultado, chegou a Lisboa no sabbado, 22 do corrente, e partiu para Setubal no domingo, 23, onde se estreou n'essa mesma noite com a *Zaza*, seguindo-se o drama *O Ladrão* e a comedia *Theodoro & C.^a*.

Cumpre-me dizer que estes espectaculos agradaram muito aos setubalenses, sobretudo o *Ladrão*, e houve até quem pedisse ao actor Carlos de Oliveira, o director da *lournée*, para que repetisse o *Ladrão*, ao que não pôde acceder pelo compromisso tomado em Evora, mas promettendo voltar depois a Setubal para satisfazer o desejo tão calorosamente manifestado.

Acabado o espectáculo na terça-feira, 25, a tabella de serviço dizia que a companhia partiria para Evora no comboio das 8 horas e 20 minutos da manhã e representaria á noite, no theatro Garcia de Rezende, o *Ladrão*. Sabia-se de ante-mão que Angela Pinto, Luiz Pinto e Carlos de Oliveira seguiram de Setubal para Evora em automovel, isto depois do espectáculo, partindo ás duas horas da madrugada de quarta-feira, a fim de evitar á distincta artista o incommodo de se levantar mais cedo do que a sua hora habitual. Angela Pinto, quando haja que fazer viagens a hora matutina, prefere seguir logo ao seu destino e depois descansar. Pois, meu caro amigo, a companhia sahio de Setubal no comboio das 8 e 30 da manhã de quarta-feira e chegou a Evora ás 12 e 30, e quaí não



Capa, em pergaminho e prata, da mensagem ao sr. Director Geral d'Instrução

foi o espanto de todos quando souberam que o automovel, que era de Lisboa e que tinha conduzido o actor Carlos de Oliveira, ainda não tinha chegado.

Bordaram-se os comentarios mais phantasticos, as hypotheses mais extraordinarias. Logo que houve conhecimento do que se passava, e que correu velozmente pela cidade, ninguem aqui acreditou que fosse desastre succedido ao automovel ou ás pessoas que n'elle vinham, mas unicamente mais uma proeza da Angela, de que o seu passado é tão fertile.

Depois de grande anciedade da companhia e de terem procurado por todos os meios arranjar um automovel para ir ao encontro do mysterioso carro, mas sem resultado, porque os seus proprietarios não se encontravam na cidade, e depois do governador civil telegraphar para Vendas Novas e d'ahi para Setubal, pedindo informações, que não vieram, ás 6 horas da tarde recebeu-se no hotel Ebo-rense o seguinte telegramma:

Poçoirão, 26, ás 5 e 5 t.

Esperamos gazolina, não sei horas de chegada.—Oliveira.

Este telegramma não tranquillizou ninguem. Pois é crível que um «chaffeur», tendo de fazer uma viagem de Setubal a Evora, que são vinte e oito leguas, só tenha gazolina até Poçoirão, que dista de Setubal oito leguas? Não podia ser. Havia qualquer coisa de anormal. Os comentarios aqui fervilham, cada um a seu modo, fazendo reviver, é claro, o passado aventureiro de Angela. Se ás 5 horas se encontravam no Poçoirão, o espectáculo não podia realisar-se, e por isso mandaram distribuir pela cidade o seguinte:

COMPANHIA ANGELA PINTO

Não chegaram até ás 5 horas da tarde a esta cidade nem se sabe noticias suas, os artistas Angela Pinto, Luiz Pinto e Carlos de Oliveira, director da companhia, que á uma hora da madrugada de hoje sahiram de Setubal em automovel, presumindo-se que os haja retido no caminho qualquer avaria na machina ou desastre pessoal.

Não pôde, por tal motivo, effectuar-se o espectáculo annunciado para esta noite no theatro Garcia de Rezende.



Quadro allegorico, de Leal da Camara, offerecido ao Museu da Revolução

Tudo levava a crer que chegariam em qualquer comboio, mas qual historia. Nem novas, nem mandados. Ainda assim alimentavam a esperanza de que chegassem hoje no comboio da manhã. Mais uma desillusão. Até que pelas 9 horas da manhã alguém foi dizer ao hotel Eborense, onde estão muitos artistas da companhia, de que um automovel, bastante avariado, acabava de chegar, conduzindo os artistas citados. N'esta conformidade foi distribuido logo em seguida o seguinte aviso:

THEATRO GARCIA DE REZENDE

Quinta-feira, 27

E' hoje definitivamente a estreia da companhia Angela Pinto com a peça de grande successo

O LADRÃO

O que é para notar é que ninguém em Evora acreditou que fosse um accidente de viagem, mais sim, uma das *partidas* de Angela.

Quem não quer ser lobo...

Foi uma viagem macabra e deve servir-lhe de lição. Consta-me que o actor Carlos de Oliveira vae exigir do proprietario do automovel perdas e danos por lhe fornecer um carro improprio para tão grande viagem e um «chauffeur» com o mais absoluto desconhecimento das estradas n'esta região. O assumpto tem interessado bastante a curiosidade dos eborenses, que ácerca d'elle tem feito os comentarios mais picarescos.

E até á semana.



PEDESTRIANISMO E NAUTICA

A prova pedestre «O Grande Premio de Julho» decorre com muita animação — Um bello passeio da Associação Naval

Toda a boa vontade que se ponha em desenvolver o pedestrianismo, é um passo para augmentar o gosto pela cultura physica e um bom serviço prestado á causa do sport, sendo dignos dos mais rasgados elogios, todos os que põem os seus estorços, em prol de tão justo ramo de educação humana.

As 5 e 12 minutos da tarde de domingo 30, sob uma fresca e subtil viração do cair da tarde, já fremitos de impaciencia faziam vibrar a enorme multidão, deseiosa de gosar o bello espectáculo que produziria aquelles 118 corredores lançando-se n'um percurso de 6 kilometros para disputarem com energia «O Grande Premio de Julho», cuja prova tinha sido organizada pelo Sport Grupo Progresso, e fazia parte do seu «Mez Sportivo». A organização não podia ser mais cuidada nem o jury haver-se com mais imparcialidade. Assim a prova decorreu com muita animação, sendo dis-

postos os concorrentes em quatro filas e dando-se o signal de partida.

Na primeira volta, o primeiro a passar foi o sr. Joaquim Pinto, do Sport Club Cruz da Pedra; o segundo foi o sr. José Francisco e o terceiro o sr. Virgilio Nunes. Quando os ultimos concorrentes da primeira volta acabaram de passar, chegou o sr. Joaquim Pinto, do S. C. C. da P., que foi classificado em primeiro lugar, gastando no percurso 20 minutos e 50 segundos.

Pinto, demonstrou correcção de *treino*, fazendo o percurso n'um bello tempo, para um principiante. José Francisco, do Grupo Foot-ball de Bemfica, gastou 21 minutos e 25 segundos, pelo que promete um largo futuro.

Adelino Santos, do Sport Grupo Liberdade, em 21 minutos e 37 segundos; 4.º o sr. Antonio Cabral, do Sport Grupo Progresso, em 21 minutos e 57 segundos; 5.º o sr. Jeronymo Augusto Marques, do Gloria Sport Grupo, em 22 minutos e 3 segundos; 6.º o sr. Manuel A. Ribeiro, do Sport Grupo Socorro, em 22 minutos e 3 segundos; 7.º o sr. Miquiel Marques, do Lisboa Sport Gymnasio, em 22 minutos e 33 segundos; 8.º o sr. Carlos Alberto, do Lisboa Sport Gymnasio, em 22 minutos e 35 segundos; 9.º o sr. Antonio da Silva, do Sport Club Cruz da Pedra, em 22 minutos e 38 segundos; 10.º o sr. Carlos Vasques, do C. F. L., em 22 minutos e 40 segundos; 11.º o sr. Virgilio dos Reis Nunes, do Grupo Sportivo Bairro Linhares; 12.º o sr. Raul Fonseca, do Gloria Sport Grupo Socorro; 14.º o sr. José Thomaz da Rocha, do Grupo Sportivo do Bairro Linhares, e 15.º o sr. Antonio de Sousa Bandeira do Gloria Sport Grupo.

Foram estes os premiados, classificando-se os concorrentes com os seguintes numeros e chegando á *meta* 61 concorrentes:

56, 140, 45, 94, 132, 30, 84, 4, 95, 105, 97, 123, 113, 69, 78, 116, 85, 58, 32, 51, 16, 61, 108, 68, 54, 80, 115, 38, 48, 43, 34, 119, 49, 33, 75, 126, 139, 3, 13, 46, 89, 125, 120, 15, 56 e 161.

Os premios das diferentes provas do «Mez Sportivo», devem ser distribuidos na festa que o grupo organisador effectua no proximo dia 13, na sua sede, que deve fechar com chave de ouro, a serie de brilhantissimas provas, que honra os seus incançaveis organisadores.

Tudo que se relacione com a nossa vida maritima tem o condão de interessar os que se presam de patriotas, mesmo os pequenos passeios e festas nauticas.

A Associação Naval deu aos seus socios um bello passeio ao Seixal, que decorreu no meio da maior animação, passando-se a tarde do ultimo domingo, 30, na esplendida quinta da Trindade, magnifica propriedade gentilmente cedida pelo seu proprietario e onde se effectuaram algumas provas sportivas, sendo a primeira a corrida de estafeta, em que entraram duas senhoras e um homem em cada *equipe*, ficando vencedora a que era formada pelas sr.ªs D. H. Sherley, H. Clington e Armando Cortezão.

Depois de varias corridas, findaram as provas com lucta de «tracção á corda», que muito agradou, sendo as *equipes* formadas por 5 senhoras e 2 homens, ganhando depois de renhida lucta, a que era com-

posta pelas sr.ªs D. H. Clington, D. A. Sherley, D. Gabriella Mendes Leal e D. Gabriela Ochôa e pelos srs. A. Cortezão e C. Sobral.

Ao terminarem as provas, foi servido um *opiparo lunch*, dançando-se em seguida animadamente até ás 5 horas e meia da tarde, em que se effectuou a retirada, tendo reinado sempre a maior animação.

ROMOLO.



CAMPO PEQUENO

CORRIDA NOCTURNA

Com fraca concorrencia, realisou-se na quinta feira, 27 do mez passado, a annunciada corrida nocturna e á hespanhola com touros de Manuel Duarte d'Oliveira, Antonio Lapa e Antonio Lu z Lopes, que parece que apostaram entre si qual d'elles envariaria peor gado.

Assim, com pessima materia prima e os poucos recursos dos quatro *maestros*, que eram *Guerreiro, Pazos, Aguilarillo e Machaquito de Sevilla* decorreu a lide com a maior sensaboria e aborrecimento.

Do trabalho artistico, nada a dizer de qualquer dos quatro citados artistas, a não ser, a falta de recursos embora o gado fosse manso, e as deslaziadas e breves faenas de muleta.

Quem se distinguu um pouco com bandarilhas foi *Malagueño*, que realmente teve dois pares muito regulares, apesar do animal ser um dos peiores que pizou o redondel.

Varas, muitas, raras as boas; umas duas ou tres. O ultimo touro não acabou de ser lidado, porque o publico começou a atirar as almofadas para arena, demonstrando por esta fórma o seu descontentamento por tão vergonhosa corrida.

E mais não disse.

MARIO NOGUEIRA.

ESPECTACULOS

THEATRO DA TRINDADE — 9 h. — *Gente Miuda*.

JARDIM DA ESTRELLA — 9 h. — Theatro ao ar livre.

THEATRO ÉTOILE (c. da Estrella) — 8, 9 114 e 10 112.

SALÃO DO LORETO — Rua do Loreto.

CHIADO TERRASSE — Rua Antonio Maria Cardoso.

SALÃO CENTRAL (Palacio Foz) — Avenida da Liberdade.

OLIMPIA — Salão de concerto, etc., rua dos Condes.

SALÃO DA TRINDADE — Rua Nova da Trindade.

SALÃO RECREIO DO POVO — Largo Silva e Albuquerque.

SALÃO FOZ — Calçada da Gloria, 3.

THEATRO ESTEPHANIA TERRASSE — Arco do Cego.

GRANDE SALÃO DOS ANJOS — Travessa do Borralho.

SALÃO D'ARRABIDA — Rua d'Arrabida, 110
ANIMATOGRAPHO DO BEATO — Companhia infantil.

JARDIM ZOOLOGICO — Exposição permanente de aves e animaes ferozes.

Carnes conservadas pelo frio

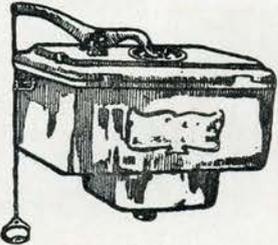
Pelo systema adoptado em Inglaterra

À VENDA no Mercado 24 de Julho, logar n.º 1 — no Largo de S. Domingos
no Largo de Alcantara — no Largo de Santa Barbara

Aos domicilios — Pedidos telephone n.º 1295

GRANDES ARMAZENS FRIGORIFICOS

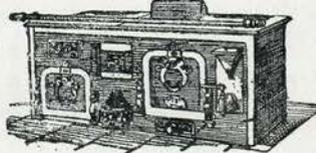
HENRIQUE PATRONE R. de S. Paulo, 109
LISBOA



Autoclismos
 INGLEZES
 O melhor systema
 Louças sanitarias
 ESQUENTADORES

Montagem de luz electrica
 Serralheria civil

Fogões de cozinha e sala
TORNEIRO DE METAES
 Variado sortimento de can-
 deiros, bicos, chaminés e
 mangas para incandescencia
 a gaz, petroleo e gazolina.



CANALISAÇÕES PARA AGUA, GAZ E ACETYLENE

F. Street & C.º L.º
 ENGENHEIROS

Machinas  Rua Poço dos Negros
LISBOA

Telephone: N.º 646

≡ Automoveis ≡
 recommendados

PARA ALUGAR NA PRAÇA
ROCIO

Automovel n.º 875 — chauffeur — Accacio de Paiva
 > 787 — — — João Carajo
 > 987 — — — Antonio Paes

— Serviço por taximetro em Lisboa —
 — Serviço de theatro e baile —

TELEPHONES — 2702 e 2698

— LISBOA —

“MERCEDES”
 MACHINAS DE ESCREVER
 A mais perfeita e resistente

RUA AUGUSTA, 75 — LISBOA

ACESSORIOS

Reparações em todas as marcas
 de machinas

Copias à machina — Traducções
 Ensaios de Dactylographia

VENDAS DE MACHINAS

TELEPHONE N.º 3066 — Agencia no Porto

OFFICINA DE FUNDIÇÃO
 DE METAES
 TORNEIRO E GALVANISMO
 FUNDADA EM 12.6.1901

Manufatura de todas as ferragens (em metal) para automoveis, nikelagem, etalages e varões para montas, ferragens para urnas e moveis antigos, etc., etc.

Canalisações e aparelhos
 para Gaz e Agua
 Instalações electricas
 Dourar
 pratear, nikelar e bronzear

ANTONIO TELLES
 R. SARAIVA DE CARVALHO, 89 A 93

Empreza Nacional
 de Navegação



Sae no dia 7 para a Costa Occidental o

Paquete Ambaca

Para carga, passagens e outros esclarecimentos, trata-se:—NO PORTO: com os agentes H. Burmester & C.º, rua do Infante D. Henrique — Em LISBOA: Escripórios da Empreza, 83, rua do Commercio.

Caldas da Rainha

Grande Hotel Lisbonense

Pelo seu colossal tamanho tem sempre quartos vagos.

Preços desde 1\$200 à 2\$500 réis

Figueira da Foz

Grande Hotel Lisbonense

O mais importante e bem situado, serviço de meza e cozinha de primeira ordem.

Preços desde 1\$200 à 2\$000 réis

LUZ ELECTRICA
J. A. LEITÃO
 129, Rua do Salitre, 131, LISBOA — Telephone 2623

Construcções e installações electricas, força motriz, apparelhagem electrica e seus accessorios, motores-dinamos para corrente continua ou alternada, lampadas de incandescencia de todas as qualidades, lampadas de filamento metalico, arcos voltaicos, resistencias, acumuladores e aparelhos de precisão, ventoinhas e aparelhos para aquecimento, telephones, campainhas, pára-raios, etc.

REPAÇÃO DE TODO O SYSTEMA DE GERATRIZES OU ELECTRICO-MOTORES
 ORÇAMENTOS GRATIS

Rapida execução em todos os trabalhos — Modicidade em preços

OFFICINAS E DEPOSITO — Rua do Salitre, 129

Garage
Estephania

107-109, R. José Estevam, III-III3
LISBOA

Automoveis de aluguer da reputada marca FIAT.
 Taximetros, luxuosos e com chauffeurs fardados

Telephone 2698

Alfredo Eduardo Gonçalves
 OFFICINA
 — DE —
CARPINTERIA

Encarrega-se de edificações ou reedificações e qualquer especie de trabalhos concernentes à sua arte

7, Rua da Condessa, 9
 (AO CARMO) LISBOA

ENCADERNADOR-DOURADOR
 Papelaria, Typographia e Artigos Religiosos

220, Rua Augusta, 222

Telephone 2089

Sucursal das Officinas
 de encadernação movidas a vapor

92, R. N. da Trindade, 92
 TELEPHONE 1495

Basilino Ferreira

Vinhos e Azeites
JOÃO LUIZ AFFONSO
 Travessa da Trindade, 22-24

Vinho Verde de 1.ª qualidade
 Azeite de Castello Branco muito fino
 Vinhos finos e licores

Vestidos de senhoras e crianças
LAVA, LIMPA E TINGE
 A
TINTURARIA CAMBOURNAC
 10, Largo da Annunciada, 10
 Rua de S. Bento, 175-A
LISBOA Telephone 562

PEREIRA

FABRICANTE DE MOLDURAS E DOURADOS EM TODO O GENERO

Encarrega-se de molduras para bordados, consolos, mobílias, espelhos e dourados em casa, etc.

273, RUA DA ROSA, 275
Proximo á rua D. Pedro V

ANTIGUIDADES

Compram-se por bons preços Louças, crystaes, moveis, joias, bronzes e tudo antigo que revele arte e belleza.

Rua da Escola Polytechnica, 97
(Defronte das escadas da Escola)

M. CARVALHO

MAFRA

HOTEL MOREIRA

No largo, em frente do convento

Bellas accomodações desde 1500 réis por dia até 15500 réis.
Redução de preços para caixeiros viajantes.

Proprietario — JOAQUIM PEDRO MOREIRA

ABRANTES

Hotel Central

Proprietario — MANUEL MONTES CARREIRO

Situado no centro do commercio. Iluminado a acetilene. Campainhas electricas em todos os quartos.

Magnificas condições d'asselo, conforto e bom tratamento

PRODUCTOS ALIMENTARES

para diabeticos, despepticos e neurasthenicos de Sana. Caixas de phantazia com bolachas e chocolates suissos, sopas instantaneas, chás, caramellos, etc.

M. C. NEVES
Rua Nova do Almada, 83

EVORA

Hotel Eborense

O melhor da provincia do Alentejo. Estabelecimento de banhos. Sala de visitas. Bons aposentos para familias.

Proprietario, JOSÉ AUGUSTO ANNES

Braga — BOM JESUS

GRANDE HOTEL | Grande Hotel do Elevador e Grande Hotel do Lago

Campo de Sant'Anna, 27 a 37

Proprietarios: GOMES & MAGGOS, Successores de Manuel Joaquim Gomes

Hotéis de primeira ordem. Serviço esmerado. Quartos espaçosos e bem mobilados, de onde se gozam esplendidos panoramas. Banhos completos. Luz electrica. Salões de baile e de visitas. Pianos e organo. Telephone e caixa do correio.

Preços, compreendendo quarto, comida, vinho, serviço e luz, desde 15500 até 25200 réis por dia

AO CHAPEU MODERNO



Sortido completo em chapéus e bonets nacionais e estrangeiros, para homens e creanças, por preços ao abrigo de toda a concorrência

Sempre as ultimas creações da moda

69, R. da Victoria, 71

A NACIONAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sede na sua propriedade: — 14, Avenida da Liberdade, 14 — LISBOA

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

CAPITAL
500:000\$000
RÉIS



Fundada em 17-4-906

RESERVAS
135:753\$650
RÉIS

Seguros de vida e Seguros terrestres e maritimos

Prestam-se todas as informações verbalmente das 10 horas da manhã ás 5 da tarde, na sede da Companhia, ou por escrito na volta do correio.

Director — FERNANDO BREDEDE — Sub-Director — JOSÉ A. QUINTELLA

VIDAGO

Hotel Avenida

Edificio construido expressamente junto á Estação do caminho de ferro e Avenida, proximo da nascente Vidago.

Bons quartos, magnifica sala de jantar com mezas para familia, casas de banhos, café, bilhar, e jogos licitos.

Preços de 1200 a 1500 réis
Almoços 500 e jantares 700 réis

Correspondencia ao concessionario

Domingues Pires

GEREZ

Grande Hotel Universal

Propriedade da Companhia Carris

Este hotel que passou por amplas reformas é o melhor da estância. Possui um magnifico square e é o unico illuminado a electricidade e mezas para familia.

Servico de primeira ordem — Preços moderados

Trens da Companhia com mudas em Bouro

O Conselho de Administração: — Alfredo da Fonseca Meneres, Antonio Reis Porto, Antonio d'Araujo Costa. — Gerente do Hotel: — Julio Pinto da Rocha.

Cesar A. Paiva

Cirurgião-Dentista
do Hospital de S. José e annexos

Premiado na e posição internacional de Paris de 1900, com menção honrosa a unica concedida pelo jury a expositores portugueses d'esta classe.

Collocam-se dentes desde um até a dentadura completa. Tratamento especial de molestias de bocca.

R. do Arsenal, 100, 1.º
LISBOA

J. J. RIBEIRO DOS SANTOS

Premiado com menção honrosa na Exposição de 1893
PREVILEGIO EXCLUSIVO

da Pomada Dumont para cura do rheumatismo
GESSOS E BETUMES

Deposito de drogas: Oleos, Tintas, Vernizes, Pinceis, Sabão, sabonetes e perfumarias.

Qualidades garantidas — Preços sem competencia

Productos chimicos e medicinaes por grosso e meudo

Unico deposito geral em Portugal

da Agua Circassiana para restaurar o cabelo — Oleo da Persia — Vigor Tónico do Oriente — Oleo do Egypto para o cabelo e da Favorita Universal e Leite Divino para a cutis.

22, Rua do Amparo, 22

16, Rua do Arco Marquez de Alegrete, 16
LISBOA

LIVRARIA DO CLERO

UNICA LIVRARIA RELIGIOSA DE LISBOA

Fundada em 1907 por Lima & C.ª antigo empregado da Livraria Catholica que acabou em 1910

9 Rua do Mundo, á Praça de Camões e frente á Igreja do Loreto

Casa de confiança das Familias Catholicas

Typographia, Encadernação e Papelaria

Cathecismo da 1.ª Communhão 20 réis

A Chave do Céu desde 1500 réis

Almanach da Immaculada Conceição de Lourdes — Preço 100 réis

Livros em portuguez, francez, inglez, allemão, hespanhol e latim. De instrução Religiosa, Doutrina Catholica, sobre a Sagrada Eucharistia e Primeira Communhão, de Piedade, Espirituaes e Asceticos — Biographias, Vidas de Santos, Educação, Instrução, Sciencias, Historia e Litteratura — Theologia — Liturgia — Philosophia — Moral Religiosa — Historia Ecclesiastica — Sermões — Livros de Missa simples e de luxo, todos approvados pela autoridade ecclesiastica.

Artigos do culto — Paramentos e Alfaias — Castiças e Tocheiros — Cruzes e ciriaes — Lampadas e Lamparinas — Lustres — Serpentinaes — Custodias — Calices — Galhetas — Sacras — Pyxides — Ambulas — Caldeirinhas — Lavandas — Lanternas — Caixas e ferros d'Hostias — Campainhas e Carrilhões — Purificadores — Estantes — placas para vellas — Coróas — Jarras.

Imagens e Crucifixos de todas as dimensões — Optimas esculpturas, Pinturas simples e de luxo approvadas pela Sagrada Congregação das Indulgencias de Roma.

Imagens de Piedade — Imagens luminosas veem-se ás escuras como de dia) — Souvenirs de Lourdes — Terços — Coróas — Rosarios — Estampas para Cathecese, para livro e para quadro — Gravuras — Photographias — Oleographia e Chromos em cartão, opaline, gelatina, pergaminho, setim e bordadas em seda — Medalhas e Crucifixos, em latão, aluminio, nickel, ouro ou prata Benitiers de biscuit e nickel — Escapularios — Argolas de guardanapo com imagens — Bilhetes postaes com Santos — Quadros — Vias Sacras — Presepio — Albuns com a Via sacra em photographia, com a Vida de Jesus, em gravura e muitos outros — Placas com imagens, bentinhos, folhas de santos em preto e a cor — Registos de luto e o mais completo sortimento em artigos religiosos de alta novidade. Objectos para brinde. Objectos de 1.ª Communhão.

Flores artificiaes. — Palmitos, grinaldas, coróas, ramos e palmas. Crucifixos para reliquias. Terços Cruseos, contas miudas com espaços. Crucifixos do Perdão. — Indulgenciados por S. S. Pio X para as pessoas que propaguem esta devoção — Coróa para Via Sacra para se fazer em casa ganhando-se as mesma indulgencias que na Igreja — Crucifixo da Paixão. Crucifixos da Santa Face.

Preços muito resumidos

AS AGUAS D'ENTRE-OS-RIOS

CURAM AS BRONCHITES

O Grande Hotel da Torre

é o unico HOTEL que está ligado ás Thermas das

Aguas d'Entre-os-Rios

SERVICO MAGNIFICO

Quartos desde 15200 a 25000 réis

Pedidos de quartos a

Avelino & Camanho

TORRE-ENTRE-OS-RIOS